

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCOMUNICATIVA COMO ESTÍMULO AO DIÁLOGO DA COMUNIDADE ESCOLAR: APRENDIZAGEM COLABORATIVA E PROTAGONISMO JUVENIL

Edemilson Gomes de Souza¹ – CEMSI

Eixo Temático: Ensino Fundamental.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre práticas pedagógicas educacionais, buscando caminhos para fortalecer o diálogo na comunidade escolar e promover o protagonismo juvenil na perspectiva dos Direitos Humanos. Assinalamos alguns desafios das inter-relações entre a comunicação e a educação à luz das ideias de Ismar Soares, Paulo Freire e Mario Kaplún. Serão apresentados aqui alguns dados de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação na UDESC – na Linha Educação, Comunicação e Tecnologia, em andamento, mas que já permite algumas reflexões e pode auxiliar nos estudos da Educomunicação. A pesquisa teve como campo empírico o Projeto Jornada Ampliada, do Centro Educacional Marista de São José, que oferece atividades socioeducativas de contraturno (rádio, TV, teatro, violão, entre outros) para crianças e adolescentes em situação de alta vulnerabilidade social. Dentre as práticas pedagógicas educacionais envolvidas no Projeto, o rádio e a TV têm provocado inquietações de como esses instrumentos podem promover o protagonismo juvenil e levar a comunicação como um direito humano dentro do espaço escolar. As citações referentes aos educandos apresentam nomes fictícios para preservar sua identidade.

Palavras-chave: Educomunicação. Prática pedagógica educacional. Protagonismo juvenil.

Introdução

Na contemporaneidade, reconhecemos que há pessoas vivendo em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Os avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais dão origem a um mundo de possibilidades para as práticas socioculturais, invadindo a comunidade escolar e impondo novos desafios ao contexto educacional.

De acordo com Sartori (2014, p. 67):

¹ Mestre em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2015). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2006). *E-mail:* edemilsongomes@hotmail.com.

Hoje, além das rodas de conversa, há quem frequente também as salas de bate-papo, as redes sociais, os *blogs* e os jogos *online*; assiste-se TV não só pelo tradicional aparelho devidamente instalado na estante da sala ou do quarto, mas também pelos celulares, *smartphones*, *tablets*, etc. Com a câmera digital (que já vem acoplada desde simples aparelhos celulares até os de tecnologia de ponta) faz-se fotografia e coloca-se nos álbuns por opção. É possível ver o resultado de um momento congelado pela câmera fotográfica logo após o clic, além disso, podemos postar praticamente no mesmo instante nas redes sociais e/ou acomodá-las nos álbuns virtuais.

Se existem novas formas de viver, sentir e pensar, é preciso que se pense também nas novas formas de aprender e, portanto, nas novas formas de ensinar, nas novas expectativas e nas novas demandas, não só dos sujeitos-alunos, mas também dos sujeitos-professores, já que todos estão inseridos (em maior ou menor grau) nessa contemporaneidade repleta de tecnologias e mídias.

Transitamos o tempo todo entre espaços individuais e coletivos ao acessarmos a internet. Por exemplo: apesar de estarmos em casa sozinhos, estamos interagindo de alguma forma com os conteúdos que estamos selecionando, lendo ou até ouvindo. Depois, iremos compartilhar com outras pessoas aquilo que nos foi significativo, ou seja, vamos partilhar nossa experiência e produzir ou reproduzir conhecimentos. O fato é que a educação formal, tradicional, nos moldes como a conhecemos, está sendo desafiada, cotidianamente, pelos visíveis reflexos dos avanços das tecnologias e pela presença das mídias na vida das pessoas. A escola já não se configura mais como o único local de construção e reconstrução de conhecimentos. Diante dos imensos canais pelos quais se acessam, se trocam e se discutem informações, para além dos muros da escola, ocorre uma mudança paradigmática da educação. Esta deixou de ser concebida como centrada no ensino e passou a ser baseada na colaboração e construção coletiva, instigada pelo desenvolvimento tecnológico. E é aí que se encontra o desafio imposto à educação escolar: como responder às novas gerações de forma mais flexível e aberta?

Diante desse quadro, a Educomunicação se instaura, cada vez mais, como uma alternativa para essa sociedade que assimila e é assimilada pela cultura digital. A educomunicação nos parece pertinente para (re)pensar as questões que desafiam o trabalho pedagógico dos professores, questões essas objeto de conhecimento tanto da área da educação quanto da comunicação, quando envolvem o emprego de mídias para criar e manter espaços de expressão e de comunicação. O conceito de educomunicação designa um campo de saber emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação.

Configura-se, hoje, como um caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar a possibilidade de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente infância e juventude.

Educomunicação: a busca do diálogo

A educomunicação, como interface entre a comunicação e a educação, é um campo teórico que demanda práticas preocupadas com o “eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos” (SOARES, 2011, p. 18). De acordo com Freire, o diálogo é um elemento crucial para problematizar o conhecimento. Não um diálogo complacente, um diálogo para o nada, e sim uma modalidade que indaga os saberes mútuos e questiona o conhecimento preestabelecido. O diálogo não é um mero bate-papo; o diálogo é uma metodologia, uma filosofia.

O que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experiential”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 2003, p. 57).

Uma nova leitura da obra de Paulo Freire fornece pistas para restabelecer as relações entre a comunidade escolar. Nessa superação de funções que as tecnologias digitais permitem realizar, em que todos podem ser coparticipantes, é preciso recuperar e desenvolver, conjuntamente, uma perspectiva crítica. Na atualidade, os participantes da *web* podem construir uma relação entre iguais, que estão em interação constante. Essas práticas da rede também podem ser utilizadas em contextos reais. A tecnologia digital pôs em evidência práticas enunciadas há quarenta anos, as quais podem ser desenvolvidas nas escolas ou nos meios de comunicação convencionais. Não se trata de uma questão tecnológica, mas de uma dimensão metodológica, pedagógica e ideológica:

O diálogo e a problematização não adormecem ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador e educando vão ambos desenvolvendo uma postura crítica, da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele,

explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação (FREIRE, 2003, p. 62).

Promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões são processos que precisam ser participativos e horizontais, na medida em que se dão na construção e realização da autonomia de cada um. Freire destacou que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode sem a coparticipação de outro sujeito no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário” (FREIRE, 1977, p. 66).

Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhando saberes historicamente constituídos, negociando significados, em uma ação necessária, natural e inevitável. Para Freire (2003), “todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Ao analisar o tipo de relação dos envolvidos, Freire especificava que, nos modelos baseados na transmissão, não havia comunicação. Essa relação se dá, ainda hoje, na maioria das escolas e é a prática que continuam exercendo os meios convencionais de comunicação. Em toda ação comunicativa, seja face a face ou mediado por alguma tecnologia, deve ser produzido um ato de encontro e de reciprocidade entre todos os que participam do processo comunicativo.

Segundo Freire, no processo de comunicação, não há uma divisão entre emissores e receptores. Todos são sujeitos ativos no ato comunicativo. Por isso: “comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Dessa forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos, cointencionados ao objeto de seu pensar, comunicam seu conteúdo” (FREIRE, 2003, p. 75).

O modelo de ensino-aprendizagem que Paulo Freire criticava (1977) estava centralizado em uma concepção bancária de educação, isto é, em um modelo transmissor que impunha um determinado relacionamento entre docentes e alunos.

Kaplún (1998) descreve estas questões como duas dimensões tradicionais, em que se estabelecem funções específicas ainda hoje reproduzidas. Este método, dizia Kaplún (1998), está baseado na relação entre o docente e o livro didático, que é a principal fonte de

informação nas salas de aula. Não se dá importância ao diálogo e à participação, “valoriza-se muito o dado e muito pouco o conceito, a boa retenção dos conteúdos (isto é, sua memorização) é premiada, e a reprodução pouco fiel é castigada. A elaboração pessoal do educando é, também, reprimida como erro”. E acrescenta: “a experiência de vida dos educandos é desvalorizada” (KAPLÚN, 1998, p. 205).

A educação bancária é modelo oriundo, por vezes, da formação universitária que deixa de lado as interações grupais e a produção dialógica na academia. Nesse sentido, Pietro Castillo (2000) salienta que o velho discurso universitário carece de mediações pedagógicas, está centralizado em uma palavra despersonalizada, obstinada em transmitir ciência; fecha oportunidades de expressão, entende pouco ou nada de meios audiovisuais e frequentemente entende ainda menos de interação grupal. Como formar comunicadores a partir de semelhantes matrizes? A mesma pergunta pode ser feita para educadores.

Tais questões, objeto de debates no século passado, continuam ainda vigentes na primeira década deste segundo milênio, em que as tecnologias digitais tornaram visíveis as práticas comunicativas e pedagógicas dos meios de comunicação e das instituições educativas.

A educomunicação nos apresenta uma filosofia e uma prática da educação e da comunicação baseadas no diálogo e na participação, que não exigem somente tecnologias, mas também uma mudança de atitudes e de concepções pedagógicas e comunicativas.

A pedagogia da comunicação e a aprendizagem colaborativa

A concepção de comunicação, dentro da educação, muitas vezes é considerada somente em seu aspecto instrumental, de meio de comunicação. Contudo, ensina-nos Mario Kaplún que, ao identificar comunicação somente como instrumento e meio, tem-se uma atitude redutiva e empobrecedora. Qual seria, no entanto, o papel da comunicação na educação? Essa discussão vai longe e o diálogo entre a educação e a comunicação está distante de chegar a um consenso. Há também quem diga que educação e comunicação são a mesma coisa; que educar é comunicar e que toda educação é um processo de comunicação. Trata-se de ideias oportunas, na medida em que nos ajudam a ampliar a perspectiva e as reflexões sobre o tema em pauta:

Quando um conceito se incha, até considerar-se como total (“toda educação é comunicação”, “tudo é comunicação”, “tudo é cultura”...), corre um sério perigo de converter-se em nada; em algo tão abrangente e efêmero, que se esvazie de conteúdo; e, certamente, de outra vez – extremos que se tocam – não contribuir para nada e deixar os dois vetores tão dissociados como no princípio. Porque se ambos se tornarem um só, se confundirem em um, como discernir a identidade de uma proposta que, desde o específico da comunicação, quer contribuir para a procura de um novo modelo educacional? (KAPLÚN, 2014, p. 60).

Mas, enfim, onde marcar o ponto de convergência entre as dimensões da educação e da comunicação? Como ambas podem se articular e interagir? Procuraremos aprofundar essas questões a partir de uma prática: concentrando-nos em uma experiência concreta, singularmente reveladora.

A experiência de Freinet nos faz pensar no papel da comunicação na educação. Numa escola pequena no Sul da França, no ano de 1924, em uma Aldeia dos Alpes Marítimos, chamada Bar-Sur-Loup, um educador enfrentou grandes desafios. Um ensino que estimulava a mera reprodução, repressivo, mecânico, não tendo relação com a vida, deixava as crianças em uma atitude passiva. Além disso, a escola só tinha duas salas de aulas e dois professores para todos os graus escolares. Freinet tinha, então, de ensinar, simultaneamente, os alunos (mais de quarenta) de vários níveis. Como contemplar a todos? Se isso não bastasse, o educador tinha ainda a sua saúde comprometida. Como soldado na Segunda Guerra Mundial, foi ferido no pulmão. Depois de meia hora de esforço, dando aula, tinha que sair correndo da sala porque lhe faltava o ar e tinha acessos constantes de tosse. Lecionar era um grande desafio. Até que, ao folhear um catálogo de vendas por correio, encontrou uma imprensa manual, simples, relativamente barata e manejável por crianças. Teve, assim, a ideia de introduzir um meio de comunicação na sala de aula. Com suas magras economias, comprou a mini imprensa, instalou-a na sala de aula, à disposição dos alunos.

Freinet implementou, então, o “jornal escolar”, mas não concebido – como hoje costuma ser – como mera atividade complementar, “extracurricular”. Trata-se, sim, da produção do jornal como eixo central, como o motor do processo educativo. A aula se transformou, de maneira permanente, em sala de redação do jornal, além de oficina de composição e impressão.

O caderno escolar individual foi abolido. Tudo o que as crianças aprendiam, tudo o que pesquisavam, refletiam, sentiam e viviam, era levado às páginas do jornal escolar, completamente redigido, ilustrado, desenhado e impresso por elas.

Obviamente que, a partir daí, todos os estudantes se encontravam em plena atividade: um redigindo; outros, compondo versos ou imprimindo. Cumpre salientar que a atividade com o jornal foi algo bem maior do que uma mera solução ao problema das tarefas escolares. Aquele meio de comunicação mudou toda dinâmica de ensino e de aprendizagem. Os pequenos jornalistas aprendiam a redigir para expressar suas ideias; aprendiam a estudar e a pesquisar de verdade, porque tinham uma motivação e um estímulo para fazê-lo: o conhecimento que produziam já não era para cumprir uma obrigação (o clássico “dever de casa” ou “exercício escolar”), nem para registrar em um caderno individual (em que jazeria perdido ou morto e só seria lido pelo professor para corrigi-lo e “atribuir nota”). Faziam tudo para publicar o conhecimento, para comunicá-lo, compartilhá-lo com os colegas, familiares e outros moradores da cidade.

Assim, incentivadas, as crianças mergulhavam na realidade para procurar dados a fim de ampliar seus artigos jornalísticos e garantir veracidade aos mesmos. Saíam, por iniciativa própria, para fazer entrevistas, enquetes, observações, medições, cálculos...

Havia uma exigência, e não era, por certo, da autoridade do professor nem da sanção da nota da qual esta emanava: as informações tinham de ser corretas e verificadas, posto que circulariam por toda a aldeia. Nisso estava, portanto, o coletivo da redação, formado por todos os colegas, para discutir artigos e exigir transparência, exatidão e rigor.

Ao mesmo tempo, os alunos interessavam-se, também, por ler a imprensa profissional e analisar as notícias. A coleção do jornal escolar foi-se tornando a memória coletiva do grupo, registro de seu processo de descobrimento e de seus avanços na produção de conhecimento. De aquisição individual, o saber passou a transformar-se em construção coletiva, em produto social, de acordo como método de Freinet.

Essa experiência pedagógica se espalhou para outras escolas. Alguns professores, sabendo da inovação, pediram para que Freinet enviasse exemplares para que fossem distribuídos aos seus alunos. Os alunos bebiam as palavras, devoravam o jornal com avidez – relataram os professores da época. Eram alunos escrevendo para alunos. Coisas em comuns. Suas produções eram valorizadas. Essa prática se espalhou por várias escolas públicas da França, todas elas pobres e relegadas. De acordo com o próprio Freinet:

A imprensa na escola tem um fundamento psicológico e pedagógico: a expressão e a vida dos alunos. Alguém poderia argumentar que se poderia conseguir a mesma coisa com a expressão manuscrita e individual. Mas não é assim. Escrever um jornal

constituiu uma operação muito diferente de encher um caderno escolar, porque não existe expressão sem interlocutores. E, como na escola tradicional a redação só está destinada à censura ou correção do professor, pelo fato de ser “um dever”, não pode ser um meio de expressão [...].

A criança deve escrever para ser lida – pelo professor, por seus colegas, por seus pais, por seus vizinhos- e para que o texto possa ser difundido através da imprensa e colocado assim ao alcance dos comunicantes que o leiam, desde os mais próximos aos mais distantes [...].

A criança que comprova a utilidade de seu trabalho, que se pode entregar a uma atividade não só escolar como também social e humana, sente liberar-se em seu interior uma imperiosa necessidade de agir, procurar e criar [...]. Na medida em que se escrevem e veem seus escritos publicados e lidos, vai aumentando a curiosidade e desejo de saber mais, de pesquisar mais, de conhecer mais [...]. Eles mesmos procuram, experimentam, discutem, refletem [...]. Os alunos, assim revigorados e renovados, têm um rendimento muito superior, tanto quantitativa como qualitativamente, ao exigido pelo velho sistema repressivo [...]. O jornal mudou totalmente o sentido e o alcance da pedagogia de minha aula porque dá ao aluno consciência de seu próprio valor e o transforma em ator, o vincula ao seu meio social e amplia os horizontes de sua vida (FREINET, 1975, pg. 45).

É impressionante, no exemplo de Freinet, a forma de enfrentar o conflito, transformando a dificuldade em desafio e construindo um novo cenário pedagógico, que potencializa as habilidades de seus educandos para aprendizagem colaborativa.

Os alunos da escola de Freinet iam para a rua observar e pesquisar. A pedagogia freinetiana é claramente uma pedagogia colaborativa. Trata-se de uma concepção substancialmente coletiva do processo educativo. Para aqueles estudantes, todo seu entorno ambiental e social se transformou em objeto de fonte de conhecimento.

Uma nova escola capaz de responder aos desafios da educação deverá possibilitar e potencializar a aprendizagem colaborativa e a coaprendizagem. Aprender a aprender no seu próprio caminho para o conhecimento. O educando aprende em colaboração. Ao elaborar a pauta da rádio, ele se desperta para um novo assunto. A observação, o raciocínio crítico, a elaboração criativa, a troca com os colegas, os desafios, o trabalho em equipe, tudo o leva a novos conhecimentos. O educador tem uma nova roupagem. Ele é um mediador, um facilitador, um orientador. O educador é um estimulador.

A intenção não é acabar com a figura do educador, nem negar sua importância no processo educativo. Trata-se, sim, de deixar de vê-lo como único eixo do processo educativo e colocar suas contribuições dentro de um contexto, mais amplo e mais dinâmico.

Viver em comunidade pressupõe partilhar objetivos, crenças, aspirações, conhecimentos, mentalidades, ou seja, partilhar uma cultura. A educomunicação potencializa

a aprendizagem colaborativa, assim como abre novos horizontes para a forma de olhar o mundo e nele estar.

De acordo com o jornalista Rossetti (2004, p. 45):

[...] nos projetos educacionais os alunos ampliam ainda mais o vocabulário e seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamentos de projetos. Além de auxiliar no desempenho escolar e outros ganhos. Além disso, a partir dessa participação, surgem grêmios estudantis, cooperativas de trabalhos, grupos juvenis de intervenção comunitária e periódicos.

Segundo Ismar Soares (2002, p. 24), precursor da educação no Brasil, o trabalho docente voltado para as práticas de utilização de recursos da mídia torna os alunos críticos diante dos fatos sociais e dos meios de comunicação, “transformando o espaço escolar num grande espaço para a produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, através de um processo democrático”. Mas é necessário “que os conceitos sejam produzidos de forma coerente com a verdade científica e com os anseios da cidadania. Isso é educação”.

Para Soares (2002, p. 24):

[...] a Educação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão.

Essas ações educacionais não servem como salvação da educação. Servem, sim, para pensarmos algumas saídas para um ensino que emancipe. Entender como se dá a comunicação no ambiente escolar e como essas práticas pedagógicas educacionais estimulam o diálogo da comunidade escolar e potencializam o protagonismo juvenil. É apenas um ensaio em busca de novos olhares.

Educomunicação e o Protagonismo Juvenil

O termo protagonismo juvenil surgiu no cenário político e econômico do final da década de 1980, como a concepção de empoderamento e participação democrática da juventude. Está relacionado à noção de sujeitos de direitos, presente no Estatuto da juventude, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – e no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. A palavra é originada do grego *protagnostés*, que se refere ao ator principal no teatro grego ou aquele que ocupa o papel central num acontecimento (FERRETTI, 2004). A expressão remete à participação no processo de transformação política e social, à atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, à responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania (STAMATOS, 2009).

Educar para a solidariedade e para o protagonismo juvenil é uma exigência contemporânea. Os problemas do cenário social possuem caráter e dimensões planetárias que não se podem ignorar.

Envolver a comunidade escolar (professores, alunos e colaboradores) na reflexão sobre protagonismo juvenil exige a resignificação das ações solidárias, a fim de desenvolver o senso de responsabilidade social. Isso implica assumir um compromisso pelo bem individual e coletivo, reconhecendo o outro como legítimo.

Uma formação voltada à solidariedade explora os direitos essenciais, assim como estabelece os direitos básicos. Para realizar esse trabalho, é preciso estabelecer, entre a comunidade educativa, uma rede solidária de apoio recíproco na realização e desenvolvimento dos objetivos educacionais, que, por si, é também pedagógica, uma vez que cria um ambiente educativo em seu modo de ser e fazer.

Isso requer formação continuada, persistência, compreensão dos problemas advindos dos diferentes contextos sociais e das diferenças entre os sujeitos. Todos os membros da comunidade educativa devem ser convidados a refletir acerca do que cada um pode fazer para construir uma sociedade mais justa e como exercer sua cidadania, expressando, concretamente, a solidariedade.

Um ensino de cooperação deve explorar o âmbito social, interpessoal, pessoal e acadêmico. Isso implica práticas consistentes que respondam a conflitos, situações e problemas relacionados aos sujeitos, à sociedade e à produção de conhecimento. Os sujeitos

envolvidos no processo, considerando os contextos e as identidades, precisam elaborar construções pessoais cada vez mais complexas e abrangentes.

A sociedade contemporânea e suas demandas exigem que estejamos em constante movimento de aprendizagem, ou seja, que continuemos aprendendo ao longo da vida. Isso implica um processo de ensino e aprendizagem voltado a práticas reflexivas que incentivem, dinamicamente, o ensinar a pensar, a comunicar, a pesquisar, a raciocinar de forma lógica, a fazer sínteses e elaborações teóricas, a ser protagonista, enfim, a interagir com autonomia reflexiva, de forma a promover o exercício pleno da cidadania e de sua responsabilidade para com a sociedade (FREIRE, 1997).

Nessa linha de trabalho, percebemos a formação do aluno pesquisador, comunicador e solidário. Desenvolver essas competências exige mais do que formação acadêmica, pois implica cultivo de valores e princípios éticos, a fim de favorecer o desenvolvimento da dimensão humana em todos os sujeitos do processo. Para tanto, precisamos estar abertos às situações emergentes em sala de aula e no cotidiano escolar, possibilitando estabelecer novas práticas e desenvolver esquemas mentais que articulem conhecimentos adquiridos e demonstrem mudanças de atitudes. A seguir, veremos algumas práticas educacionais que potencializam o protagonismo juvenil, estimulando o diálogo na comunidade escolar.

Práticas pedagógicas educacionais

O Centro Educacional Marista – São José, que fica localizado no bairro Jardim Zanellato, na cidade de São José, Santa Catarina, desenvolve oficinas com práticas pedagógicas educacionais, estimulando o trabalho em equipe e a autoaprendizagem. De acordo com Educador Social Binda², nos anos de 2011 a 2015, as oficinas ajudaram no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Nessas ocasiões, foram trabalhados vários tópicos como a socialização, criatividade, coordenação motora, memorização, vocabulário, entre outros aspectos. Por meio dos ensaios de teatro, os educandos puderam perceber traços da personalidade dos colegas, do seu comportamento individual e em grupo, traços do seu próprio desenvolvimento, permitindo um melhor direcionamento para a aplicação do trabalho pedagógico realizado pelos demais educadores.

² Daniel Binda, Coordenador de projetos no Centro Educacional Marista São José e Educador Social na sala de educação da mesma instituição. Informações obtidas verbalmente.

De acordo com Binda, as peças teatrais realizadas foram voltadas para temas sociais e pedagógicos, saindo do universo intimista dos educandos e servindo à comunidade, por meio de apresentações em outras escolas. A ideia foi levar música e literatura para os estudantes, contribuindo para o desempenho estético e intelectual, favorecendo o trabalho em equipe, promovendo o protagonismo juvenil e a socialização entre as escolas. Para Binda, o objetivo da iniciativa não é formar atores, mas fazer com que os educandos tenham um primeiro contato com as artes e despertem o interesse pelo mundo do teatro e da música, melhorando a dicção, a expressão corporal, a desenvoltura e o trabalho em equipe. Segundo a Pedagoga Rech³ do Centro Educacional: “[...] é possível perceber mudanças positivas nos educandos: as crianças que antes eram inseguras, quietas, tímidas, hoje se mostram confiantes, maduras, comprometidas e ‘cheias de vida’, pois, com o teatro e a música, conseguiram vislumbrar um futuro cheio de possibilidades e seguem confiantes, sentindo-se capazes de alçar novos voos”.

Na opinião do educando Marcelo⁴, que interpreta o personagem Cristiano na peça ‘O Menino Narigudo’, de Walcir Carrasco, no Centro Educacional Marista – São José, o aprendizado resultante da participação no teatro vale para o futuro: "A gente aprende a esperar o momento certo para as coisas, a conviver e interagir em grupo e a respeitar a todos".

A educomunicação é o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2003, p. 22).

Por meio do trabalho desenvolvido pela educomunicação, os professores conseguem resgatar o centro de interesse dos alunos, que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, pois saem da mesmice da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso. Desenvolvem pesquisas sobre diversos assuntos, fazem entrevistas, fotografam, filmam, enfim, registram tudo aquilo que consideram interessante para depois editarem os filmes, montarem jornais, panfletos educativos, fazendo da aprendizagem um recurso para difundir o conhecimento adquirido. Os temas abordados podem variar de acordo com a disciplina, como: meio ambiente, escassez e desperdício de

3 Valéria Rech, educadora do fundamental I no Centro Educacional Marista São José. Informações obtidas verbalmente.

4 Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

água, causas indígenas, matemática e física aplicadas no dia a dia, geografia, história, línguas, informática, etc. Com isso, as escolas podem desenvolver um projeto anual, abraçando as várias disciplinas, com a participação de todas as turmas, a fim de retratar algum assunto importante para a população.

Outra oficina que desenvolve práticas pedagógicas educacionais no Centro Educacional Marista – São José é a oficina de rádio. Segundo Soares (1999), a rádio, como forma de educação, propicia o desenvolvimento da espontaneidade, ampliando a capacidade de compreensão e criação textual (considerando aqui a expressão de frases e o contar histórias), além de facilitar a aprendizagem de outros conteúdos educacionais. As oficinas têm trazido ganhos pedagógicos inestimáveis.

Por meio de oficinas de rádio na escola, os educandos podem aprimorar a escrita e aprender a observar a mídia com outros olhos, tanto no sentido de ampliar o senso crítico como de buscar exemplos de ação a serem seguidos.

De acordo com Binda, os alunos da rádio ganharam vez e voz. Melhoraram a oralidade e começaram a apreciar a leitura. A rádio se tornou um instrumento importante na aprendizagem dos alunos, além de funcionar como meio de entretenimento e lazer. De acordo com a educanda Mariana, “as oficinas da rádio, teatro e TVQ ajudam as pessoas a terem autoconfiança, a mostrar que são capazes de qualquer coisa e que, nesse mundo, não existem barreiras que não possam ser superadas, tanto melhora na aula como no conhecimento, comportamento, em tudo. Como na vida precisamos de ensino e, quando crescermos, isso nos pode ajudar”.

Além dos inúmeros ganhos, ainda de acordo com Binda, a rádio despertou um interesse dos educandos para a área de vídeos, surgindo assim o TVQ, um programa de produção audiovisual que incentiva o educando ao hábito da pesquisa, da leitura e da escrita, para a elaboração de roteiros, desenvolvendo, assim, o compromisso, a reflexão e o senso crítico, promovendo o protagonismo juvenil, exercitando a comunicação oral e favorecendo o trabalho em equipe. O “TVQ – Te Vejo Na Quinta” contou com os seguintes quadros: Ação e Cidadania, Esporte, Agenda Cultural e Entrevistas.

Ainda conforme Soares (2014, p. 31):

As práticas educacionais favorecem o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o

trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso, passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente.

O substancial não reside no instrumental ou na oficina que o educando escolheu, e sim na função que ele desempenha: abrir aos educandos canais de comunicação por meio dos quais eles possam socializar os produtos de seu aprendizado. Isso é criar a caixa de ressonância que transforma o educando em comunicador e permite que ele descubra e celebre, ao comunicar-se, a projeção social de sua própria palavra.

A escola que queremos e o olhar que precisamos para o processo de ensino-aprendizagem não é algo novo. Na verdade, o que há de novo é a possibilidade de integrar, de acolher, de os educandos terem acesso ao capital cultural exigido pela escola e pela sociedade, por meio de práticas educomunicativas (rádio, teatro, produção audiovisual), de contemplar o individual e o todo, o vazio e o cheio, o diferente e o igual, a multiplicidade e a singularidade, o construir e o desconstruir, em sucessivas idas e vindas. Possibilitar aprendizagem colaborativa é promover o Protagonismo Juvenil. São atitudes que podem ampliar olhares e visões de mundo, transformar e emprestar significados aos saberes, nos diferentes momentos históricos, sociais e culturais. Em uma perspectiva que se abre, sucessivamente, para muitas outras.

Trata-se aqui neste artigo do início de uma investigação que merece ser aprofundada dentro de um espaço de tempo maior, com consistência teórica, haja vista a relevância da temática na educação.

REFERÊNCIAS

FREINET, Elise. **Nacimiento de una pedagogía popular**. Barcelona: Laia, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto. **Educomunicação: Para Além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. **Una Pedagogía de la Comunicación.** Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

PRIETO CASTILLO, D. **Comunicación, universidad y desarrollo.** Buenos Aires: Plangesco, 2000.

SARTORI, Ademilde Silveira (Org.). **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos:** diálogos sem fronteiras. Primeira Edição Florianópolis – DIOESC, 2014. p. 67, 68.

STAMATOS, Maria Izabel Calil. **Protagonismo Juvenil:** uma práxis sócio-histórica de formação para a cidadania. São Paulo: Instituto Arte e Cidadania, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato:** Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, Ano 1, n. 2. p. 19-74, jan./mar. 1999.

_____. Educomunicazione in La Comunicazione. **Il Dizionario di Scienze e Tecniche,** Roma, Elledici, Rai, Eri, 2002.

_____. **Educomunicação:** conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para o ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.

_____. **Caminhos da Educomunicação.** São Paulo: Salesiana, 2003.

ROSSETTI, Fernando. **Educação, comunicação e participação:** perspectivas para políticas públicas. Brasília: Unicef, 2004.